

Resenha: O PODER PÚBLICO E A CIDADE EM RIQUEZAS PRODUZINDO A BELLE-ÉPOQUE

Franciane Gama Lacerda
Departamento de História/UFGA

SARGES, M. N., *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2000.

Acaba de ser lançada pela também recente editora Paka-Tatu, uma obra que já se tornou referência para a história da Amazônia. Trata-se de *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*, de Maria de Nazaré Sarges. Apesar de só recentemente o leitor entrar em contato com o livro, a obra não é novidade entre pesquisadores das mais variadas áreas que buscam compreender e conhecer um pouco da cidade de Belém do Pará das últimas décadas do século XIX e primeira do século XX. Isto porque desde o início da década de 1990, quando da defesa da dissertação de mestrado da autora, este trabalho passou a ser grandemente consultado para a compreensão do chamado “período” áureo da borracha, por destacar justamente o processo de urbanização experimentado pela capital do Pará, sobretudo na gestão do interventor Antônio Lemos, que, durante o seu longo governo, buscou empreender ações das mais variadas, visando como bem evidencia o livro o “embelezamento do espaço urbano”, questão até então muito pouco discutida pela historiografia paraense.

Portanto, já não era sem tempo a publicação deste trabalho, que chega ao público na forma bem acabada de livro, mérito da autora e da editora, quase dez

anos depois de sua defesa, na Universidade Federal de Pernambuco, muito embora já fosse um verdadeiro marco na historiografia amazônica, evidenciando, assim, as dificuldades para que muitos trabalhos acadêmicos de relevância cheguem ao mercado editorial, sempre tão restrito a um pequeno número de pesquisadores.

Sendo um “trabalho datado”, como bem lembra Nazaré Sarges, visto com os olhos do presente, momento em que as discussões acerca do espaço urbano ganham novos contornos com diferentes compreensões, *Belém: Riquezas Produzindo a Belle-Époque* apresenta alguns senões sobretudo no que concerne à idéia de cidade, problema principal evidenciado na obra, uma vez que esta construção social é vista quase que somente como fruto das ações do poder público, representado pela figura do interventor Antônio Lemos, sugerindo uma cidade gestada não pela experiência cotidiana de seus moradores, mas a partir da legislação e, por que não, do ideário utópico de civilização de seus administradores que parecem ser os principais constituidores da vida cidadã.

Do mesmo modo, uma idéia que se popularizou entre muitos estudiosos a partir do trabalho da autora foi a própria

compreensão da chamada *Belle-Époque*, pensada em alguns momentos como homogênea ou como algo “importado” diretamente da Europa para a Amazônia dos fins do século XIX. Ora, esta imagem muito difundida entre nós já há algum tempo também passa por um processo de releitura em que se busca pensar estes ícones da *Belle-Époque* como bondes, trens, eletricidade, telégrafo, arborização e alargamento de ruas, não como homogêneos em todas as cidades, mas a partir de suas peculiaridades que sugerem experiências sociais distintas na América, na Europa e, no caso, em Belém do Pará.

Assim, se “ares” de *Belle-Époque* se fazem respirar por essas paragens da Amazônia, modificando hábitos e imprimindo novos padrões de comportamento, esta experiência de modernização da cidade de Belém do Pará sob a luz de outra compreensão do espaço, bem próxima da produção historiográfica recente de Nazaré Sarges, evidencia uma complexidade de relações sociais que gesta a cultura urbana e que pode ser rastreada pelos historiadores nos modos de viver, de trabalhar, de se divertir, de morar, expressados nas vivências citadinas, questões ainda ausentes na aludida obra.

Se, por um lado, nota-se a ausência destas questões ao relermos hoje o trabalho de Nazaré Sarges, por outro, não se pode esquecer que nos seus quatro capítulos a autora dá conta de abrir caminhos para se discutir a constituição de um novo espaço urbano em Belém do Pará com as riquezas advindas do negócio da borracha. Assim é que logo no primeiro capítulo há a apresentação de uma discussão historiográfica acerca de algumas obras que, na década de 1980, representaram todo um repensar de alguns historiadores sobre os viveres urbanos e igual-

mente sobre a chamada modernidade. Estes trabalhos, discutidos por Nazaré Sarges, sugerem uma produção historiográfica que começava, por assim dizer, a colocar em cena as vivências de diferentes sujeitos sociais.

No segundo capítulo, observa-se que as preocupações se voltam para traçar as origens do núcleo urbano belemense. Em complemento a este, a autora apresenta no terceiro capítulo a economia da borracha, posto ser considerada a riqueza produtora da chamada *Belle-Époque*, como bem evidencia o título do trabalho. Por fim, no quarto capítulo, o leitor entra em contato com as ações modernizadoras do poder público, visando à organização do espaço urbano belemense para atender, segundo a autora, os interesses das “elites dominantes”. É pois neste capítulo, lido com um olhar voltado também para as muitas imagens deste tempo pretérito, as quais dão um visual bonito ao livro, que o leitor é convidado a viajar por um “fragmento” da cidade de Belém do Pará da virada do século XIX, que se fez conhecer grandemente, e sobretudo, a partir do trabalho pioneiro de Nazaré Sarges.